



ARTIGO ORIGINAL

As Lógicas da Toxicomania e a Condição do Sujeito

Carolina Neumann de Barros Falcão Dockhorn^a

Mônica Medeiros Kother Macedo^b

Renata Freitas Ribas^c

^a Psicóloga, psicanalista, mestre em Psicologia Clínica. Doutora em Psicologia pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora da Faculdade de Psicologia da PUCRS. Supervisora do Serviço de Atendimento e Pesquisa em Psicologia da Faculdade de Psicologia da PUCRS. Membro da Sigmund Freud Associação Psicanalítica. Porto Alegre/ Rio Grande do Sul. Brasil.

^b Psicóloga, psicanalista, Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora Titular da Graduação e do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Psicologia da PUCRS. Porto Alegre/ Rio Grande do Sul. Brasil.

^c Psicóloga, psicanalista em formação pela Sigmund Freud Associação Psicanalítica, mestranda em Psicologia Clínica no Grupo de Pesquisa Fundamentos e Intervenções em Psicanálise do Programa de Pós- Graduação da Faculdade de Psicologia da PUCRS. Porto Alegre/ Rio Grande do Sul. Brasil.

Instituição: Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Rio Grande do Sul. Brasil.

Resumo

Sabe-se que o uso de drogas é uma prática que esteve presente em toda a história da humanidade. Contudo, o abuso de drogas é um marco social dos tempos atuais, crescente na sociedade contemporânea e que torna alarmantes os indicadores de produção e consumo de substâncias psicoativas. Do ponto de vista da Psicanálise, o uso problemático de drogas demanda um olhar para o sujeito implicado nesse padecimento. Logo, visando justificar a importante contribuição da Psicanálise em sua inserção no campo do uso abusivo de drogas, ressalta-se a necessidade de outra compreensão que não aquela a partir da qual o tratamento psicoterapêutico tem como objetivo o rápido alcance do estado de abstinência e a sua manutenção. Este artigo aborda, a partir da proposição da denominada *operação de phármakon*, as lógicas do investimento do sujeito no objeto droga, considerando a heterogeneidade presente na toxicomania. Assim referenda-se a afirmativa de não ser o tóxico a droga, mas, sim, a tentativa de estabelecer uma relação de exclusividade com a droga, isto é, a sua função da substância na vida psíquica do sujeito. A partir da narrativa clínica de dois jovens toxicômanos abordam-se as duas lógicas de funcionamento do tóxico na vida psíquica do sujeito: a de Suplência e a de Suplemento. Por meio de contribuições da Psicanálise é problematizada a especificidade do posicionamento subjetivo na toxicomania.

Palavras Chave: Toxicomania; Psicanálise; Drogas.

Abstract

It is known that drug use is a practice which has been a fact throughout the history of mankind. However, drug abuse is a social framework of the current times, ever increasing in today's society, making the indicators of production and consumption of psychoactive substances alarming. From the point of view of Psychoanalysis, the problematic use of drugs requires a look at the subject with such an ailment. Therefore, in order to justify the important contribution that Psychoanalysis has in its insertion in the field of drug use, one must emphasize the need for having a different understanding besides the one in which psychotherapeutic treatment aims at the rapid achievement and maintenance of state of abstinence. This article's start approach is the proposition called *pharmakon operation*, the subject's logic of investment in the drug-object, considering the heterogeneity present in drug addiction. So, one must endorse the affirmative that the toxic itself is not the drug, but rather the attempt to establish an exclusive relationship with the drug, i.e. its function as substance in the psychic life of the subject. From the clinical narrative of two young addicts, it deals with the two working logic that the drug occupies in the psychic life of the subject: as Replacement and as Supplement. Through contributions from Psychoanalysis, the specificity of the subjective positioning in addiction is discussed.

Keywords: Addiction; Psychoanalysis; Drugs.

Introdução

Sabe-se que o uso de drogas é uma prática que esteve presente em toda a história da humanidade. Não existem evidências de nenhuma sociedade humana na qual não fosse utilizado algum tipo de substância psicoativa¹. Contudo, o abuso de drogas é um marco social dos tempos atuais, crescente na sociedade contemporânea e que torna alarmantes os indicadores de produção e consumo de substâncias psicoativas. O Relatório Mundial sobre Drogas 2012, elaborado pelo Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime, indica que pelo menos 230 milhões de pessoas (o equivalente a 5% da população mundial) usou pelo menos uma vez alguma droga ilícita em 2010². Em contrapartida, drogas lícitas – como o álcool, por exemplo – tendem a ser ainda mais utilizadas.

O Relatório das Nações Unidas coloca em evidência, também, os múltiplos impactos que as drogas provocam. Não apenas são preocupantes os efeitos do uso, abuso e dependência dos indivíduos consumidores e de seus familiares, mas igualmente os diversos efeitos sociais e econômicos resultantes, tal como o incremento dos índices de violência e corrupção².

Do ponto de vista da Psicanálise, o uso problemático de drogas demanda um olhar para o sujeito implicado nesse padecimento. Visando justificar a importante contribuição da Psicanálise em sua inserção no campo do uso abusivo de drogas, Torossian³ ressalta a necessidade de outra compreensão que não aquela a partir da qual o tratamento psicoterapêutico tem como objetivo o rápido alcance do estado de abstinência e sua manutenção. Para a autora, o risco de tal objetivo reside na ênfase dada à substância-droga, desconsiderando totalmente o sujeito dessa relação. Por isso, segundo Torossian³, a Psicanálise não trabalha com a dependência química, mas, sim, com o sujeito que sofre pela condição decorrente de uma formação sintomática crônica que evidencia a posição do sujeito em uma relação de exclusividade com a droga.

Não há consenso entre os autores da Psicanálise acerca do termo utilizado para referir o investimento sistemático no objeto droga. Alguns optam por destacar o estado de adição, isto é, de escravidão ao objeto, enquanto outros defendem a utilização do termo “toxicomania”, que se refere a uma modalidade de ligação tóxica com o objeto droga⁴.

É preciso, pois, considerar o sujeito da drogadição ou da toxicomania em sua dimensão de singularidade. Com o objetivo de sustentar a compreensão da dependência química como expressão de um funcionamento psíquico no qual a droga se tornou objeto de necessidade (e não de desejo), opta-se, neste artigo, pelo uso da expressão “toxicomania”. Partindo das proposições teóricas de Rassial⁵, toma-se a toxicomania como a relação intensa e exclusiva do sujeito com o objeto droga, sem qualquer espaço para adiamentos ou substituições.

Na coerência da prioridade dada à singularidade da condição toxicômana, busca-se problematizar, a partir de duas narrativas clínicas, diferentes lógicas que podem reger o encontro do sujeito com o objeto

droga. É fundamental ressaltar que nem todo o encontro com a droga será uma toxicomania; conforme Le Poulichet⁶, existem lógicas distintas que permeiam a relação do sujeito com o objeto droga.

A leitura psicanalítica da toxicomania

O tema da droga se faz presente desde os primórdios da Psicanálise. No início, porém, relacionava-se ao uso particular de Freud e ao seu interesse de provar ser a cocaína uma substância benéfica quando utilizada para fins terapêuticos. Sabe-se que Freud buscou no estudo sobre a cocaína uma descoberta revolucionária capaz de propulsionar ao auge sua carreira médica⁷. No decorrer de suas experiências, Freud constatou outros aspectos que acompanham o uso de substâncias tóxicas, tais como os da dependência gerada e de seus efeitos nocivos ao sujeito, e essas constatações o levaram a desistir do uso da droga com fins terapêuticos.

Anos depois, ao ocupar-se do mal-estar que aflige o sujeito e das possibilidades de enfrentamento diante de aspectos penosos da vida, Freud⁸ referiu-se ao recurso às substâncias tóxicas, situando-o como um recurso paliativo frente ao sofrimento. Nesse texto, enfatiza que, por meio dessa condição, o sujeito buscaria uma forma de intoxicar-se visando à obtenção imediata de prazer e igualmente a uma independência em relação ao mundo externo. Ao nomear esses recursos como uma espécie de “amortecedor de preocupações”⁸ (p. 97), o autor assinalou que neles residia tanto o perigo como a capacidade de causar danos. A expressão desses riscos se dá, segundo o pensamento freudiano, no “desperdício de uma grande cota de energia que poderia ser empregada para o aperfeiçoamento do destino humano”⁸ (p. 97).

Na leitura contemporânea da toxicomania proposta por Birman⁹, ela é vista como uma expressão frequente do mal-estar na atualidade. Para o autor, são dois os segmentos da população relacionados com o consumo de drogas: de um lado, os usuários regulares ou irregulares e, de outro lado, os toxicômanos. Assim, a toxicomania está associada à dependência física e psíquica em relação à droga, trazendo como traço característico a compulsão propriamente dita. Além disso, as toxicomanias não estão exclusivamente relacionadas ao consumo de drogas ilegais, sendo também consideradas como objeto, na toxicomania, as drogas legitimadas pela ciência médica.

Cabe destacar importante ponto de contato entre o descrito por Freud⁸ quanto ao mal-estar produzido pela modernidade e o que se constata imperar no mal-estar contemporâneo. Se, na década de 1930, as restrições à sexualidade impediam o sujeito de desfrutar do prazer e o jogavam no circuito dos impedimentos neuróticos, por exemplo; atualmente, a prática e a busca do hedonismo rompem o reconhecimento necessário dos limites do Eu e danificam investimentos do campo da alteridade. No excesso das demandas de *performance* e no esforço para a manutenção ilusória de um estado permanente

de completude e de ausência de tensão, o sujeito contemporâneo apela compulsivamente ao objeto que promete a manutenção da não implicação com os afetos desprazerosos, forçosamente mantidos à distância.

Como ressalta Birman⁹, vive-se numa cultura das drogas, na qual a intoxicação é uma resposta ao mal-estar da contemporaneidade. O sujeito, descrente de seu papel transformador e não atuante como agente de mudança, “busca pelo hedonismo e pela sensorialidade prazerosa produzir algum gozo diante de tanta dor”⁹ (p. 90).

Considera-se a Psicanálise uma ferramenta hábil e necessária no cenário atual, no qual é urgente o fomento da problematização concernente às diferentes lógicas que se fazem presentes no heterogêneo fenômeno da toxicomania. Uma autora que fornece uma importante contribuição a essa temática é a psicanalista francesa Sylvie Le Poulichet⁶: ela propõe uma diferenciação entre as lógicas que sustentam o encontro do sujeito com as drogas.

A autora se utiliza das proposições de Derrida¹⁰ em “A Farmácia de Platão” acerca do *phármakon*, substância que é veneno e remédio simultaneamente e que, paradoxalmente, age como droga maléfica ou como droga benéfica, oferecendo-se como um filtro de esquecimento e de possibilidade de salvação pelo acesso ao conhecimento¹¹. Ao tomar o *phármakon* de Derrida como uma metáfora, Le Poulichet⁶ propõe e explora as nuances de uma operação psíquica – a qual denominou “operação de *phármakon*” – que atua ao revés do narcisismo positivo ou trófico. Assim, essa operação de *phármakon* refere-se à tentativa por parte do sujeito de criar um “aparelho psíquico autônomo, que confunde todo o processo de castração”⁶ (p. 105).

Segundo Conte¹, o valor da teorização sobre a operação de *phármakon* reside em três aspectos. Primeiramente, permite analisar o uso de drogas da perspectiva de veneno e de remédio. Em segundo lugar, não utiliza parâmetros biológicos para a análise da drogadição; ao contrário, considera a extensão e o objetivo do uso de drogas na vida psíquica do sujeito. Por fim, destaca a autora que a operação de *phármakon* denuncia a transformação da substância droga em tóxico, “que cria um campo psíquico alterado, onde os aspectos singulares tornam-se difíceis de serem identificados, pois ficam subsumidos”¹ (p. 56). Isso não significa, porém, que a toxicomania deva ser reduzida à consideração da dificuldade de controle do impulso; afinal, os aspectos singulares seguem presentes, mesmo que difíceis de serem identificados.

Percebe-se, então, que Le Poulichet⁶ se ocupa do tóxico. Alinhada, justamente, com a proposição de Derrida de que o *phármakon* não é a simples substância, Le Poulichet⁶ considera que a toxicomania está para além da(s) substância(s) química(s) utilizada(s) e de sua frequência de uso. Pode-se, assim, referendar a afirmativa da autora de que o tóxico é, sim, a tentativa de estabelecer uma relação de exclusividade com a droga¹²; daí ser fundamental considerar a função da substância na vida psíquica do sujeito¹. Impõe-se, então, a necessidade de buscar os elementos próprios a uma montagem psíquica que aprisiona o sujeito em sua “dependência”, uma dependência que extrapola a materialidade da droga e desafia ao evidenciar um mais-além cujo sentido não está dado a priori.

Logo, a operação de *phármakon* é, para Le Poulichet⁶, uma operação de defesa que conserva e protege uma forma de narcisismo. Nela, estabelecem-se as condições necessárias para a satisfação dos sujeitos na medida em que produz um cancelamento tóxico da dor ao dar continuidade e reversibilidade aos opostos remédio e veneno¹³. Como bem ressalta Conte¹, as toxicomanias dizem respeito a formações narcisistas, pois nelas se opera uma retirada dos investimentos do mundo, os quais retornam para o Eu, passando o psiquismo a ser considerado um órgão fantasma tratado pelo produto químico. A operação de *phármakon* destaca, também, o quanto, “quando a dor aparece, o toxicômano fica impedido de outros investimentos no mundo, inclusive da possibilidade de amar”¹ (p. 59).

A partir de sua concepção acerca da operação de *phármakon* e considerando a heterogeneidade presente nas toxicomanias, Le Poulichet⁶ propõe pensar em duas modalidades de toxicomanias, dois lugares distintos que o tóxico pode ocupar na vida psíquica do sujeito. Tais lógicas podem ser as de Suplência ou de Suplemento, posições que não são estanques ou imutáveis. De fato, Conte¹ ressalta que as lógicas não são estanques, “já que nas toxicomanias de suplência pode intervir uma dimensão de suplemento e vice-versa” (p. 62).

A lógica do consumo denominada Suplemento recebe esse nome porque diz respeito à tentativa de suprir uma falta. Como lembra Conte¹, “suplemento” é aquilo que é acrescido para preencher as lacunas existentes, sendo um complemento a algo que deixa um espaço de falta, que não supre totalmente. Por isso, as toxicomanias de Suplemento estão relacionadas à constituição de próteses narcísicas que têm a função de dar sustentação ao si mesmo. Tais formações estão a serviço de suprir a falta, auxiliando o sujeito no enfrentamento das dissonâncias entre o que é real e o que é ideal frente a sua imagem narcísica¹⁴. Assim, pode-se considerar essa lógica como uma maneira de não se submeter à castração, preservando uma posição fálica e sustentando uma imagem de perfeição na qual real e ideal se aproximam¹.

Para Torossian¹², nessa lógica de Suplemento, a utilização da droga é provocada pela dificuldade de significação de outras questões da vida e, logo, essa utilização está inserida em uma cadeia metafórica. Nessa perspectiva, segundo a autora, na lógica do Suplemento,

“o sintoma se organiza como uma demanda que solicita o olhar de um outro. O tóxico tem aqui a função de cativar o olhar do(s) outros(s), num processo de significação dos acontecimentos de vida”¹³ (p. 126).

É justamente por considerar a noção de Suplemento como aquilo que é um acréscimo que Torossian¹³ pontua o quanto, nesta lógica toxicômana, o sujeito se oferece para ser lido e significado pelo Outro. Para a autora, o tóxico, aqui, pode assemelhar-se ao carretel do *fort-da*, utilizado como recurso para o enfrentamento da ausência do Outro. Na associação do tóxico com o carretel deve-se resguardar, porém, a diferença existente entre uma situação própria ao momento infantil de constituição da noção do Eu e do não-Eu e aquela que já denuncia a impossibilidade de o Eu fazer tramitar a angústia que o assola diante da

castração. Ainda, no jogo entram em cena recursos da criatividade do Eu, sendo que, no uso do tóxico, a dor gerada precisa ser anestesiada.

Nessa lógica, a consequência é um estado de suspensão do desejo a partir do anestesiamento. Como destaca Conte¹, “o indizível serve para que não haja palavras e assim o sofrimento é anestesiado. O toxicômano buscaria um *plus* fálico, um objeto *plus* para evitar o sofrimento do qual padece” (p. 70). Afinal, é fundamental que ele compreenda que sofrer é equivalente a ser castrado, a deparar-se de alguma forma com a castração.

Ainda que não possam ser estabelecidas ligações rígidas entre as lógicas das toxicomanias e as estruturas psíquicas, Conte¹ argumenta que, na lógica do Suplemento, é comum encontrar-se as neuroses – e, nesse caso, a problemática é basicamente fálica – e as perversões. Quando a lógica do Suplemento serve a essa última estruturação psíquica, afirma a autora, a problemática do tóxico diz respeito ao exercício de um saber que afirma e desmente a Lei. Ressalta Le Poulichet⁶, ainda, que, quando as toxicomanias têm como base a perversão, o *phármakon* não está no lugar do objeto fetiche, mas, sim, na função de “agente de controle e de conservação de um falo imaginário”¹ (p. 71). Assim, a droga acaba por desempenhar a função de sustentar o Outro como se não castrado fosse.

Já quando se trata do consumo regido pela lógica da Suplência, o sujeito encontra-se excluído de uma cadeia simbólica, e o ato de consumir o tóxico é descrito pela autora como uma paradoxal tentativa de autoconservação. Conte¹ avalia que “suplência” refere-se a “suplente”, isto é, àquilo que supre a falta de outro, substituindo-o, tomando seu lugar em relação a seus direitos e deveres.

Nas toxicomanias de Suplência, opera-se uma suplência narcísica radical, o que, conforme Conte¹⁴ denuncia o desfalecimento do Outro em sua função de terceiro. Assim, enquanto a droga opera como sustentáculo narcísico para o sujeito consumidor, a subjetividade deste último desaparece diante do objeto droga, o qual passa a ocupar um lugar totalizante. Nessa montagem dessubjetivante não se trata de recorrer à prótese: está em risco, radicalmente, a condição de existir do sujeito além do cenário do corpo real.

De fato, a inexistência da castração simbólica, organizadora do psiquismo, produz a ameaça de invasão por parte do Outro não castrado, que colocaria o sujeito numa condição de entrega total ao gozo desse Outro. Frente à ausência de recursos simbólicos de enfrentamento, resta ao sujeito à construção de um “corpo-máquina” que o proteja.

Logo, destaca Conte¹ que, se a palavra não é instrumento, se o corpo não está representado, tem-se na toxicomania de Suplência a existência única do corpo real (isto é, não simbólico). Ao ter a si mesmo como um corpo, resta ao sujeito tratá-lo da dor existente mediante o uso da droga. De qualquer forma, “colocar-se no lugar de quem trata um corpo, como faz o toxicômano, confirma a debilidade de outro que pudesse ser referência, cuidar e orientar”¹ (p. 60). Todavia, ao tratar seu corpo real, o sujeito exila-se de seu desejo.

Neste cenário de Suplência, visualizam-se sujeitos que buscam, no encontro com o tóxico, um gozo na completude, ou seja, um atalho referente ao trajeto pulsional no sentido de exclusão do outro e de sua ida e vinda, aderindo a um único objeto que cumpre uma função vital⁷. Por isso, a relação passa a ser dual e exclusiva. Para esse sujeito, não há possibilidade de mediação entre ele e a droga, uma vez que se instalou um circuito mortífero sustentado no registro de não deixar faltar ao corpo a homeostase proporcionada pelo objeto droga. Rassial⁵, em suas considerações sobre a toxicomania, também descreve essa relação mortífera ao referir que essa experiência tóxica se caracteriza muito rapidamente por renúncias: “por um lado, a toda atividade em geral, em prol desse gozo outro que não sexual; por outro lado, a toda procura de um saber regido pelo significante” (p. 120).

A consideração acerca do circuito mortífero estabelecido entre o sujeito e o objeto droga não deve ser confundido, contudo, com a utilização da droga em uma escolha por morrer. Ao contrário. Destaca Le Poulichet⁶ que a operação de *phármakon* se refere, nas toxicomanias de Suplência, à transformação do corpo em máquina em uma tentativa de controlar o gozo do Outro e, assim, manter-se vivo. Por isso, a estratégia defensiva deve ser considerada como tentativa de manutenção – a um altíssimo custo – de um narcisismo.

Percebe-se, então, que, se, na lógica do Suplemento, o sujeito está demandando proteção; na lógica de Suplência o sujeito está à mercê da invasão do Outro. No primeiro caso, o corpo é tomado como objeto que acalma e limita o gozo do Outro; e, no segundo, precisa ser transformado em máquina para sobreviver.

Seja na lógica do Suplemento, seja na lógica da Suplência, é inegável o curto-circuito estabelecido entre as demandas ao psíquico e as condições do sujeito de administrar os efeitos sobre o si mesmo. Exatamente por essa consideração, passa a ser primordial, no campo da toxicomania, acessar a singular condição do sujeito nesse padecimento.

Os singulares encontros com o objeto droga

A partir das narrativas de dois jovens toxicômanos, é possível problematizar as especificidades dos posicionamentos subjetivos em relação à droga. Por razões éticas, é fundamental destacar que todos os dados que poderiam conduzir à identificação desses sujeitos foram omitidos e/ou deformados. Além disso, eles assinaram Termos de Consentimento Livre e Esclarecido nos quais autorizam a publicação de suas histórias e narrativas.

Maria é uma jovem de 20 anos que é escutada por um intenso uso de maconha e cocaína. À diferença do que se verifica com outros usuários de drogas, sua fala não é guiada pelas peripécias das situações de uso, mas por uma conflitiva que converge com a realidade do vício: uma confusão relativa ao desejo do outro primordial. Ela é a primeira dos sete filhos de sua mãe e a única que fora abandonada ao nascer.

Passou, então, a ser cuidada pela avó e, quando contava com sete anos, retomou o convívio com a mãe, o qual desde então tem estado marcado por intensas desavenças e brigas.

Sobre o desejo da mãe, Maria explicita: “ela falou que não me amava, que não queria me cuidar e que não queria ter me ganhado. Eu acho que ela poderia ao menos ter me visto e não ter voltado só depois de sete anos”. As palavras seguintes de Maria apontam a montagem do si mesmo que ela pôde construir frente ao traumático: “eu sou a ovelha negra da família”.

Maria sustenta nessa conflitiva sua construção subjetiva. Precisa encontrar recursos para enfrentar o abandono da mãe, sua fala que afirma o não desejo pela filha, mas, também, por outro lado, seu retorno, a retomada de um laço que não se perdeu pra sempre, porque, mesmo com o abandono, Maria permaneceu na família (e por isso pode ser a ovelha negra, o que evidencia um lugar). Qual será a versão na qual pode se apoiar e se construir como sujeito?

Sente-se abandonada, e o uso de drogas surge como um endereçamento ao outro, pois a mãe também é usuária de cocaína. “A gente estava se drogando junto e daí, claro, para mim foi uma forma que eu tinha de atenção dela. No fundo eu sei que eu odeio ela em algumas coisas, mas claro que eu sei que faz falta, sou filha dela, eu nasci dela”.

Percebe-se a ambivalência em relação ao seu lugar diante do desejo materno: se esforça para ser amada pela mãe, mas, quando se sente fracassada nesse objetivo, odeia a mãe e a agride. Consumir o tóxico é tentar proteger seu Eu da angústia diante do desamparo. As fraturas narcísicas decorrentes de uma ligação primordial tão instável e fragmentária precisam ser remediadas pela droga, além de ser ela – a droga – um vínculo e um eixo identificatório com a mãe.

Pode-se pensar, assim, o quanto o consumo de drogas está dirigido, justamente, ao olhar da mãe. Aquilo que Maria parece buscar diz respeito à significação do seu lugar no desejo da mãe e, conseqüentemente, à busca por pontos de sustentação de seu próprio narcisismo. Será que Maria recorre à droga justamente por não poder reconhecer e se apropriar de um lugar seu nessa trama familiar? É fundamental que ela possa fazer o questionamento de quem afinal é a ovelha negra da família, pois, caso siga reconhecendo-se como o motivo do abandono materno, nunca poderá ver o valor que tem. O conflito da mãe fica recaído sobre ela e, assim, Maria fica sem alternativas para seu devir.

Maria conta de uma lógica toxicômana de Suplemento. Seu consumo a mantém inserida no laço social e é endereçado ao outro: constitui uma tentativa de ser alvo do desejo materno, de ser investida. Consome cocaína como uma proteção narcísica, pois vê nesse consumo o recurso para ser desejada. Todavia, a cocaína não configura seu objeto exclusivo de investimento; ao contrário, é mais um objeto que lhe permite adquirir competências consideradas ausentes em si mesma e tidas por ela como essenciais para poder conquistar o olhar da mãe.

Conte¹ entende que na clínica das toxicomanias de Suplemento é fundamental o trabalho de tradução do uso compulsivo de substâncias tóxicas. Deve-se empreender uma leitura do consumo como algo da ordem do sintoma atual para que se possa transformá-lo em outro tipo de sintoma, no campo transferencial. É preciso, pois, operar uma troca de objeto: da substância para o analista. Para a autora, a direção do tratamento nessas toxicomanias está fundamentada em um trabalho de luto do “tóxico”, com o intuito de propiciar a construção de representações distintas do objeto para sempre perdido. Nessa perspectiva, a autora entende que “as bordas e as marcas que escrevem uma história singular estavam apenas encobertas, por isso, é preciso desnudá-las para que o paciente passe a reconhecê-las e a contá-las em sua historização”¹ (p. 58).

João é filho adotivo e afirma ter sempre tido tudo do bom e do melhor. De fato, chama a atenção por marcadamente acreditar que sempre teve tudo. É o filho mais velho de uma mãe que, inicialmente (época da adoção de João) foi diagnosticada como infértil e que encontrou na adoção a forma de realizar seu desejo pela maternidade. Apesar de fisicamente ser impossível sustentar uma filiação biológica – João e a mãe são, inclusive, de raças diferentes –, ao menino nunca foi explicada a diferença; ao contrário, ela sempre foi desmentida.

Chegou, porém, o momento em que a mãe adotiva de João engravidou de sua primeira filha biológica. Nessa época, João tinha 8 anos de idade. Quando da época do nascimento da irmã, um tio bêbado contou a verdade ao menino. Finalmente, João passou a entender a “brincadeira” que era feita com ele: “Te encontraram na lata do lixo”, diziam os primos.

Qual é o efeito de tantos anos preso ao desmentido? Considera-se o quanto a conduta da mãe, de camuflar a realidade da história de origem de João, produziu a ele uma impossibilidade de falar sobre o assunto e um persistente mandato de alteração de suas percepções. Para além de ser um segredo, o silêncio diante de uma realidade facilmente observável gerou nele, por exemplo, uma incapacidade de aprendizagem que determinou que estudasse apenas até a sétima série.

João nunca ficou sequer chateado com a mãe. O que ficou impossível de ser tramitado psicologicamente? E, também, o que denuncia essa ilusão de acreditar ter recebido tudo?

Antes de buscar tratamento, João foi usuário, traficante e morador de rua. Perdeu casa, relações amorosas, família, trabalho, e todos seus investimentos se restringiram a um único objeto: a droga (“Eu já estava entregue para ela”). Não será que nesse encontro totalizante com a droga João estava repetindo a ligação totalmente alienada que estabeleceu com a mãe, operadora do desmentido?

João denuncia uma lógica distinta de encontro com a droga. Tem com ela uma ligação que passa a ser vital, tanto que paulatinamente vai desinvestindo outros objetos em prol de sua ligação com o tóxico. Na companhia do crack, seu Eu gozava de uma completude que o fazia considerar desnecessário outro investimento. Evidencia-se a abolição do objeto perdido, sua onipresença numa modalidade de relação

que não prevê mediações. Na ilusória completude do seu vício, abdica do laço social, colocando-se à margem de leis que o incluam num código compartilhado. Perde-se de seu desejo, assim como de seus direitos de cidadão, por apresentar uma montagem que o obriga a representar no corpo a intensidade não processada pela ordem simbólica.

Estar totalmente entregue à droga remete à entrega que Le Poulichet⁶ descreve do Eu à morte, que tenta se defender da dor insuportável, o que caracteriza a lógica da Suplência. João não foi investido na alteridade; ao contrário, ficou capturado numa ligação que o impediu de reconhecer suas próprias percepções e significá-las: não podia ver a diferença das cores de sua pele e da pele da mãe e, conseqüentemente, também não podia aprender nada na escola.

Conforme vai falando de suas vontades, passa a contar sonhos em que faz uso de crack. Após uma recaída, que durou uma semana, retornou ao tratamento e ainda segue tentando encontrar sentido para o uso da droga. Já consegue formular o que espera de seu processo de cura, deixando transparecer marcas do que seria o início da apropriação simbólica de sua formação sintomática expressa e representada pelo corpo: “ficar sem usar qualquer um fica, é só me trancar nove meses numa fazenda que eu não tenho o que fazer. A questão não é essa, porque quando me soltar, a primeira coisa que eu vou querer fazer é voltar a usar. Eu preciso é aprender o que mais eu posso fazer da minha vida além de usar droga, deve ter alguma coisa que eu possa fazer. Gastronomia eu gosto, mas também poderia ser motorista”.

O caráter pueril de seus desejos – sonha com uma profissão como as crianças na terceira infância o fazem – denuncia o longo caminho que João ainda tem pela frente em seu espaço de escuta. Há algo, porém, que João ilustra em sua fala de forma ímpar: a retomada de seu corpo como um corpo erógeno e não mais um corpo-máquina que só precisa da substância. Quando afirma que não basta deixar de usar, mas, sim, que precisa saber o que fazer de sua vida, João abre espaço para a esfera do desejo. Seu corpo é seu instrumento para ser e estar no mundo e deve estar de acordo com o que deseja: pode cozinhar, pode dirigir, não importa. O que importa mesmo é que a ação esteja em consonância com algo que queira e que tenha um sentido.

Conforme Conte¹⁴, o trabalho clínico com as toxicomanias de Suplência se dá a partir da constituição de um objeto de desejo que sustente a castração no plano simbólico e não mais no real. Frente a um sujeito que não possui identificação com “quase nada” – o que é apenas a outra face do tudo que João afirma ter tido –, faz-se necessário buscar uma ilusão viável, alguma evidência de desejo que marque o início de um trabalho clínico. De fato, percebe-se em João uma tentativa de mudança subjetiva quando começa a imaginar que pode se arriscar na instabilidade do mundo adulto, sem garantias do ter tudo. Esse movimento psíquico é efeito de ser escutado para além do objeto que consome e, portanto, inaugura espaços de falta e de construção de projetos próprios. No processo de escuta, inaugura-se a condição de acessar as condições de perceber e não precisar recorrer ao desmentido. O acesso à palavra e à escuta pode inaugurar um circuito que autorize a João a existir e a aprender sobre si mesmo.

Considerações Finais

Abordar a temática da toxicomania ao partir do olhar da Psicanálise significa lançar mão de ferramentas que priorizam o cuidado à condição de sujeito. Por meio da proposição de duas diferentes lógicas que podem reger o encontro do sujeito com o objeto droga, busca-se evidenciar a imperiosa necessidade de ir além de uma leitura que se limite a retratar esse fenômeno de forma homogênea, perdendo de vista, assim, os pontos de abertura à intervenção nesse campo de dor psíquica que residem exatamente nos diferentes relevos do terreno.

Ao restringir a leitura da toxicomania a uma condição de dependência química, reforça-se a importância do objeto em detrimento do sujeito que se lança nesse circuito também pela fragilidade e precariedade dos lugares ocupados em sua história. João e Maria apontam, desde lugares distintos, a necessidade premente do combate e da intervenção no mundo da adição às drogas. Destaca Torossian³ que, se o foco estiver na droga, a cura não existe e o projeto terapêutico se restringirá somente à abstinência; todavia, se o foco estiver no sujeito que se droga, então, torna-se premente escutar a singularidade desse sujeito. O melhor exemplo disso é a fala de João sobre não bastar parar de usar; é preciso aprender a existir como sujeito psíquico.

As contribuições de Le Poulichet⁶ quanto às lógicas da toxicomania fornecem ferramentas para que se possa problematizar a função do objeto tóxico eleito pelo sujeito. A consideração acerca da relação sujeito-objeto é, sem dúvida, um caminho fundamental para que se possam construir vias de escuta e intervenção que tenham mais êxito no enfrentamento da atual epidemia de drogadição. Certamente, essa é uma escuta que a Psicanálise pode e deve oferecer.

Referências

1. Conte M. A clínica psicanalítica com toxicômanos. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.
2. UNODC - Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime. World Drug Report 2012. Disponível em: <http://www.unodc.org/brazil>. Acessado em: setembro de 2012.
3. Torossian SD. De qual cura falamos? Relendo conceitos. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. 2004; 26: 9-15.
4. Torossian SD. Contribuições para a clínica psicanalítica com crianças e adolescentes usuários de drogas e toxicômanos. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. 2003; 24: 61-74.
5. Rassial J-J. O adolescente e o psicanalista. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.
6. Le Poulichet S. Toxicomanías y Psicoanálisis: las narcosis del deseo (1990). Buenos Aires: Amorrortu, 2005.
7. Gurfinkel D. Adicções: paixão e vício. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

8. Freud S. Mal-estar na civilização (1930/1929). In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 21, p. 67-148.
9. Birman J. O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
10. Derrida J. A farmácia de Platão (1972). São Paulo: Iluminuras, 1991.
11. Bento VES. Introdução às justificativas clínicas e teóricas da hipótese das paixões “tóxicas”. Estudos em Psicologia 2010; 27(1): 109-120.
12. Torossian SD. Escrita e histórias de toxicomanias. Signo. 2006; 31: p. 85-94.
13. Torossian SD. Trajetos adolescentes na construção de toxicomanias. Psicologia em Revista. 2007; 13 (1): 123-136.

Correspondência

Mônica Medeiros Kother Macedo
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 11, 9º Andar. Partenon
90619-900 - Porto Alegre, RS
monicakm@puccrs.br

Submetido em 12/07/2013

Devolvido aos autores em 31/10/2013

Retorno dos autores em 18/11/2013

Aceito em 29/11/2013